



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
– FATECS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM PROPAGANDA E MARKETING
DISCIPLINA: MONOGRAFIA
PROFESSOR ORIENTADOR: FLOR MARLENE LOPES
ÁREA: COMUNICAÇÃO SOCIAL

**Skinhead:
incursões no movimento estético**

FERNANDA ALVES FERNANDES FIDELIS
2046821-2

Brasília, Maio de 2008

FERNANDA ALVES FERNANDES FIDELIS

Skinhead: incursões no movimento estético

Trabalho apresentado à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Orientadora: Flor Marlene Lopes

Brasília, Maio de 2008

FERNANDA ALVES FERNANDES FIDELIS

Skinhead: incursões no movimento estético

Trabalho apresentado à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social no Centro Universitário de Brasília - UniCEUB.

Banca Examinadora:

Prof(a). Flor Marlene Lopes
Orientadora

Prof. André Luis César Ramos
Examinador

Prof. Bruno Assunção Nalon
Examinador

Brasília, Maio de 2008

“Nenhum dos verdadeiros skinheads pode ser racista.
Sem a cultura jamaicana, os skinheads não existiriam.
Foi a cultura deles, misturada com a cultura da classe
operária britânica, que fez do skinhead o que ele é”.
(Roddy Moreno, fundador do SHARP na Grã-Bretanha)

RESUMO

Este projeto tem como objetivo analisar as influências estéticas que embasaram o movimento skinhead e quais as manifestações estéticas deles ao longo dos tempos. E também como eles contribuíram para manifestações de grupos juvenis da mesma época. Para isso serão levadas em consideração as estéticas de movimentos juvenis anteriores e contemporâneos aos skinheads, devido a sua importância para essa expressão artística. No término da pesquisa, foi feita uma análise comparativa entre o filme “Laranja Mecânica” e o movimento skinhead, a qual ressalta a estética de violência presente no grupo e conseqüentemente nos movimentos juvenis do mesmo momento.

Palavras-chave: skinhead, movimento skinhead, movimentos juvenis londrinos, hardcore nova-iorquino, estética de violência.

Lista de Ilustrações

FIGURA 1 - Alpacino em “Poderoso Chefão”

FIGURA 2 - *Mod*

FIGURA 3 - *Greasers* no filme “The Outsiders”

FIGURA 4 - *Rockers*

FIGURA 5 - *Croombie*

FIGURA 6 – Sex Pistols

FIGURA 7 – Sham 69 na CBGB

FIGURA 8 - E.P. “United Blood” da banda Agnostic Front

FIGURA 9 - Nova geração hardcore

FIGURA 10 - *Rude Boys in Dancehall*

FIGURA 11 - Skinheads londrinos

FIGURA 12 - Vestuário *mod* feminino

FIGURA 13 - Vestuário *mod* masculino

FIGURA 14 - Skingirls

FIGURA 15 - Skinhead tradicional

FIGURA 16 - *Bootboys*

FIGURA 17 - Componente da banda Jesus Skins

FIGURA 18 - Banda Jesus Skins

FIGURA 19 - Capa do cd “Teenage Warming” da banda Angelic Upstarts

FIGURA 20 - Cena do filme Laranja mecânica

Sumário

Introdução	8
Justificativa da escolha do tema.....	10
Metodologia.....	11
Capítulo I – Principais características do movimento	12
Origens do movimento skinhead	12
Filhos do skinhead	20
A influência do skinhead no hardcore nova-iorquino.....	25
Os boneheads ou skinheads nazistas.....	29
Capítulo II - As representações estéticas do movimento	30
A influência estética jamaicana	30
A herança dos pais do movimento	32
Os bootboys	35
Algumas manifestações estéticas no vestuário skinhead	36
Jesus Skins – Skinheads against religious prejudice:	38
Capítulo III - A estética e a violência	41
Considerações Finais.....	44
Referências	45
Anexos	48
Apêndice	55

Introdução

O movimento skinhead é visto por todos como um movimento nazista, mas, na verdade, em sua raiz foi, um movimento juvenil em que o proletário de Londres se unia para apreciar uma boa música jamaicana. Porém houve um investimento intenso do partido National Front nos jovens londrinos e, em especial, nos skinheads, não só na Inglaterra, como em toda Europa também. Ao longo deste estudo, se mostrará que o movimento skinhead não é composto por nazistas, embora não se possa ignorar a existência de nazistas que usam o skinhead para defender sua ideologia.

Por meio de suas roupas, os jovens proletários e também os burgueses, na Inglaterra, podiam mostrar a que movimento pertenciam. Os *mods* (ou moderninhos) foram os progenitores dos skinheads. Os *mods* apareceram no final dos anos 50 e usavam roupas elegantes, tais como ternos e sapatos arrumadinhos, o corte de cabelo à escovinha, alguns aparentavam como *gangsters*, pareciam ter saído de um filme do “Poderoso Chefão”. Esses não se entendiam com os rockers, que depois dariam origem aos *greasers* ou sebosos, inimigos do skins. Eram freqüentes as “tretas(brigas)” entre esses dois grupos. Dos *mods* surgiram os *hardmods* que depois deram origem aos skinheads. Os *hardmods* mostravam a face mais violenta dos moderninhos e começaram a se vestir conforme seu comportamento. Os terninhos foram substituídos por trajes de briga: camisa, jeans e botas, mais apropriadas para “rachar cabeças”.

Os skinheads ingleses não gostavam de hippies, *greasers*, *parkis* (agressores de imigrantes), gays e Hell’s Angels (motoqueiros). Todos esses eram vítimas de violência dos carecas.

A influência musical e estética da Jamaica sobre o movimento skinhead começou ainda com os seus pais, os *mods*, pois esses freqüentavam botecos ilegais em Londres. Os moderninhos ouviam muito *ska* e outros estilos de música negra também. Eram influenciados diretamente pelos garotos jamaicanos, que usavam um estilo próprio para roupas baseado nas guangues de *rude boys* de Kingston.

No fim da década de 60, saem os primeiros skins dos *hooligans* (torcida de futebol organizada). Para os skinheads que amavam muito o futebol, a música deixou de ser a principal paixão e o futebol tomou seu lugar, como, por exemplo, no norte londrino.

As três principais influências estéticas que devem ser levadas em consideração para esse estudo são: *rude boys*, os mods e os *bootboys*. Pois esses influenciaram diretamente na formação e no movimento original dos skinheads.

O projeto procura mostrar um pouco do que foram realmente as influências estéticas e suas manifestações no movimento skinhead e também quais foram as peculiaridades dos skinheads em alguns lugares do globo. Dessa forma, elencando algumas características da época e do movimento. Cabe ainda uma pequena análise sobre a violência e os skins, a manifestação estética no vestuário.

No primeiro capítulo, serão mostradas as origens dos skinheads, de onde eles vieram e alguns acontecimentos que marcaram e mudaram os cursos do movimento. E ainda em que grupos juvenis os skinheads exerceram influência ao discorrer dos tempos.

O segundo mostrará as manifestações estéticas do movimento, mostrando quais os padrões estéticos que marcaram o grupo e quais as suas expressões em seus guarda-roupas.

O terceiro conterà uma análise entre cena e violência, que trará uma análise entre movimento skinhead e o filme “Laranja Mecânica”. Dessa forma, delineando um pouco a estética de violência que está inserida entre os skins.

Justificativa da escolha do tema

O tema escolhido é de relevância, por tratar-se de um movimento juvenil que resiste e influencia, até hoje, vários grupos e tendências juvenis existentes na atualidade. Mesmo que alguns nem saibam de sua essência e somente conheçam o que a mídia fala a seu respeito.

Esta pesquisa está sendo feita por ser um tema curioso e explorado de forma deturpada, pois muitos acham que os skinheads são cabeças ocas nazistas. Mas mal sabem que o skinhead é um movimento que influenciou e continua influenciando várias gerações e movimentos undergrounds. Na época de origem, ele era considerada cultura de massa, o seu público-alvo era a classe operária e gerou um mercado estético e discográfico inteiro. A importância de estudar esse tema é reconhecer o alcance desse movimento na atualidade e entender sua formação como cultura de massa na Europa.

Não se conhece nenhum projeto que tenha feito análise detalhada sobre as estéticas que influenciaram o movimento skinhead. Então tentaremos responder aqui as seguintes perguntas:

- O que foi o espírito de 69 e qual é a história do movimento skinhead?
- Quais as semelhanças entre os skinheads e outros movimentos e grupos undergrounds contemporâneos e posteriores, na Inglaterra e Estados Unidos da América?
- Quais são as manifestações estéticas do movimento skinhead e em que elas mudaram ao longo do tempo?

Metodologia

Neste trabalho utilizaram-se pesquisas bibliográficas, leitura, análise comparativa e método dedutivo para o desenvolvimento.

As pesquisas bibliográficas e leitura exploraram, entre outros temas: história do movimento skinhead e suas vertentes, cultura underground na Inglaterra entre as décadas de 50 e 70, música jamaicana e sua influência no movimento skinhead, movimento punk, estética do movimento mod, skinhead e punk, contracultura, movimento hardcore nova-iorquino, estética da violência.

Deve ser compreendida como pesquisa bibliográfica a leitura e análise de textos sobre os movimentos juvenis anteriores e contemporâneos aos skinheads, dessa forma analisando algumas manifestações estéticas, tais como vestuário, violência e música. A importância da pesquisa bibliográfica é o seu auxílio ao pesquisador na elaboração de sua base de referências de forma a confirmar as teses que se almeja defender, refutar algumas idéias iniciais ou até mesmo chegar-se a nova proposta de estrutura científica já existente sobre o tema.

O Ensaio tem como objetivo apontar os elementos que compõem essa estética e a influência que ela sofreu de movimentos que a antecederam e como ela marcou movimentos juvenis posteriores. Mostrando, dessa forma, uma abordagem diferente da que a mídia explora do movimento skinhead tachado esses como nazistas.

Capítulo I – Principais características do movimento

Origens do movimento skinhead

No fim da década de 60, os hippies estavam em alta “com suas cores e flores e seus manifestos por um futuro novo e ensolarado”, segundo Marshall. Mas na classe operária, da Inglaterra, o estilo de vida era árduo, pois os adolescentes mal terminavam os estudos e já encaravam um subemprego.

Os skinheads eram, em sua maioria, garotos e garotas proletários que curtiam uma boa música Jamaica (do soul ao reggae), cerveja e futebol. Essas características prosseguiram na história desse grupo, eles se juntavam para ouvir boa música, encontrar garotas, beber, assistir e isso era um de seus combustíveis.

Em 1968 os skinheads fazem sua primeira aparição nas manchetes dos jornais na Inglaterra, pois causaram tumulto na Grande Marcha de Solidariedade ao Vietnã, em outubro. Mas essa data não pode ser confundida como início do movimento, pois isso compactuaria com a mentira de que os skins surgiram em reação ao movimento *hippy*.

O skinhead, como nome, só fez sentido a partir de 69, mas isso não quer dizer que antes não existissem garotos usando botas e cabelos à escovinha. Pois eram vistos no meio dos mods esses garotos já em 64, os quais são conhecidos como precursores do movimento skin, de acordo com Marshall.

Os *mods*, progenitores dos skinheads passaram por duas fases. Sobre esse assunto Marshall (1991, p.12), comenta:

Antes, eram tidos como garotos maneiros e apumados; depois, veio um maciço afluxo de jovens Mods, malvistas como “metidos” sem a menor idéia de classe ou estilo, que iam a High Street para ver o que deviam vestir.

Os moderninhos já haviam ingressado nas faculdades e em breve se juntariam aos estudantes e *hippies*. O destino deles eram camisas floridas, drogas leves, rock progressivo e “pop arte” (em suas diversificadas manifestações). No norte da Inglaterra, a cena dos *mods* era um pouco diferente, ele só tinha aparecido no fim dos anos 50, nos cafés e clubes. A cena setentrional era conhecida pelos clubes fanáticos de lambretistas e depois por casas noturnas de soul.

A segunda fase dos *mods* é a parte que mais interessa para o estudo do movimento skinhead, o modernismo pós 64, revelaria a faceta agressiva e violenta. O terninho e os sapatos engraxados, que era de costume dos mods nas noites londrinas, foram substituídos pelo traje de briga: camisas, jeans e botas. As gangues de *hardmods*, como eram conhecidos esses garotos da segunda fase, eram crescentes nas cidades britânicas.

É importante ressaltar que os *mods* tinham uma predileção por marginais do submundo londrino e, diversas vezes, alguns desses eram tios, pais ou irmãos de muitos dos *mods*. Esses pareciam ter saído de um filme de *gangsters*, como por exemplo, “O Poderoso Chefão”.



Fonte: <http://www.alpacino.ws/images/the2godfather4.jpg>

FIGURA 1 – ALPACINO EM “O PODEROSO CHEFÃO”



Fonte: http://www.sherrys.co.uk/men/men_suits.html

FIGURA 2 - MOD

Os *mods suits* (modelitos) usavam como símbolo o ramo espartano do mod, que foi visto pela primeira vez numa casa noturna em 65 e foi um marco, pois era o símbolo da moda da classe operária se contrapondo com o chamariz do psicodelismo dos mod mais antigos. Isso mostra a ascendência direta deles em relação ao movimento skinhead. Até no auge dos skins, em 68 e 70, os carecas que iam às danceterias de terninho eram chamados de *suits*, da mesma forma como os *mods* eram chamados.

A música jamaicana, o *ska*, principalmente, e o soul americano eram os estilos que os mods escutavam. Mas depois da segunda fase isso teria virado “dieta básica para a maioria”, segundo Marshall.

A influência da musical e estética jamaicana era forte sobre os *mods*. Esses freqüentavam as festas em botecos ilegais, e isso permitia que soubessem qual era o

último som e, dessa forma, tinham contato com os negros. Os garotos negros possuíam seu próprio estilo de roupa, influenciados diretamente pelas gangues de *rude boys* de Kingston, que tinha ligação direta com violência.

O movimento skinhead surgiu de vários outros movimentos juvenis, entre jamaicanos e ingleses, na Inglaterra. Marshall (1991, p.15), diz:

O movimento skinhead emergiu, portanto, do Mod enturmado na rua, do Boot Boy na arquibancada e do Rude Boy na pista de dança.

No auge do movimento skinhead, os skins não queriam só andar na “beca” (super arrumados, mas isso dentro do estilo skin de ser), mas também ter lugares para ir. Existiam vários lugares: o Mecca, Ballroom, o Palais, o Locarno, entre outros lugares onde eles tinham preferência para ir dançar e beber durante a noite. Nessas noites, os salões ficavam cheios de skins loucos insaciáveis por reggae, *ska* e *soul*.

As rádios e a imprensa musical britânica desdenhavam o estilo musical jamaicano denominado, reggae. Mas esse era o que se destacava na cena britânica devido, principalmente, à “curtição skinhead”, termo criado por Marshall.

O reggae, mais tarde, ganhou dois programas: o “Reggae time” da BBC de Londres e o “Reggae Reggae” da Rádio Birmingham.

Na década de 60, na Inglaterra, não era preciso fazer muita promoção de algumas bandas para elas explodirem nas vendas de vinis e nas rádios. No entanto a música direcionada para os skins era um pouco diferente no começo. Os primeiros vinis ficavam muito tempo expostos nas barracas e foi na década de 60 que começaram a vender muito e os comerciantes nem tinham o suficiente para a demanda. No que diz respeito ao vestuário não foi diferente. No começo os skins encomendavam roupas para festas e depois esses mesmos alfaiates abriram suas próprias grifes, pois havia grande demanda.

É necessário destacar que o “espírito de 69” é o espírito do movimento skinhead, pois foi o auge, englobando desde as manifestações estéticas que mostravam a verdadeira face do movimento até as músicas e valores que os skins tinham e que mesmo ao longo dos tempos foi levado adiante por aqueles que mantiveram as tradições do movimento.

De 69 a 72, o reggae skin foi parar entre os hits dos vintes mais ouvidos graças ao selo Trojan da gravadora Island Records e pela Beat & Commercial Company. Com isso o reggae começou a ser mais explorado e conhecido.

O ska, rocksteady e reggae eram os ritmos que os cabeças raspadas gostavam de ouvir. O reggae, porém era o predileto. Segundo Marshall (1991, p.24):

A atração dos skinheads pelo reggae se devia ao ritmo contagiante da música. As letras pouco importavam, já que a maioria não sacava o significado da gíria jamaicana.

Nas gigs de reggae (uma espécie de festa), era possível encontrar quase todos os astros da Jamaica e isso acontece quase todos os dias da semana, nos clubes do tipo The Ska, The Ram Jam Club e outros.

O futebol faz parte da história skinhead. Os hooligans (membros de torcidas organizadas de futebol) são anteriores ao movimento skinhead, mas era típico entre os skins irem aos jogos de futebol uma vez por semana e nesse dia todas as turmas se encontravam e deixavam de lado suas diferenças para torcer pelo seu time. Para alguns skins, a música deixou de ser a primeira paixão para dar vez ao futebol, e isso tornou a camisa, jeans e botas mais populares que a roupa típica da noite. Eram freqüentes “as tretas” nos estágios. Algo curioso sobre as tretas é que a bota com bico de aço era a arma predileta dos skins e os policiais para atrapalhar a vida dos skins tomavam os cadarços.

A estética da violência estava presente no movimento skin, desde o vestuário até as botinadas na rua e estádios de futebol. A violência dos skins era conhecida, e esses tinham suas gangues e por meio dessas colocavam em prática sua agressividade, quer fosse nos estádios ou nas ruas. Nos próximos capítulos, será abordada com maior profundidade essa e outras manifestações estéticas.

De qualquer forma a agressividade presente no vestuário tinha um significado por trás, pois em alguns casos era o uniforme da gangue. A maioria demonstrava pelo vestuário ser do proletário, mas isso não significava que todos tinham uma filosofia. Enquanto para uns era um estilo de vida para outros, somente, um modismo. O espírito de participar de uma gangue e manter reputação gerava sentimentos como orgulho, respeito e lealdade.

Existia uma implicância do movimento para com os hippies, pois esses eram vistos como sujos, rebeldes, desgrehados, rebeldes e vão de encontro com os valores tradicionais dos skins. A sanha contra os hippies é histórica também em 69, quando eles invadiram um prédio e viraram notícia, as gangues skins e policiais se aliaram para retirá-los do prédio.

Os greasers, descendentes dos rockers, são retratados no filme “The Outsiders”, traduzido como “os marginais”, de Francis Ford Coppola. O filme mostra a realidade de 60 onde os garotos ou eram riquinhos ou marginais sem futuro e sem um lugar. Os greasers eram donos de uma estética suja e com cabelos encebados.



Fonte: http://www.cthowell.net/The_Outsideers/The_Greasers.JPG

FIGURA 3 – GREASERS NO FILME “THE OUTSIDERS”



Fonte: http://www.maxhtec.net/Terrace_Culture/culture_02.html

FIGURA 4 - ROCKERS

Assim como os mods eram rivais dos rockers, mais tarde os skinheads seriam rivais dos greasers, respectivamente sucessores dos primeiros. Mas existe algo interessante, pois os skins tinham mais afinidades com os greasers e não com os mods. Esses

valorizavam mais a individualidade e o movimento skinhead a uniformidade e não tinham tempo para maquiagens masculinas e cigarros finos. Os greasers possuíam os mesmos valores dos skins. Mas ficam por aí as semelhanças, pois musicalmente, esteticamente e também quando se tratava de higiene eles eram completamente distoantes.

Os skinheads a princípio não tinham nenhuma postura política, mas depois alguns tiveram contato com o nacional-socialismo. Conforme, Ampudia (2007, p.14):

A princípio, estes grupos eram apolíticos e seu contato com o nacional-socialismo, que os estigmatizou, compondo a imagem atual que a opinião popular tem do movimento skinhead, se deu por volta de 1970, quando na Inglaterra inicia o declínio de 30 anos de prosperidade econômica e o industrialismo entra numa nova era de angústia social marcada pela pobreza e desemprego. A situação social da Ilha favorecia esse tipo de discurso reacionário e racista. Durante a Era Dourada, como ficou conhecido o período de 1950 a 1970, a Inglaterra, juntamente com a Europa central, atingiu o clímax de seu desenvolvimento, o que trouxe levas de imigrantes jamaicanos, norte-africanos e do leste europeu para trabalharem nas suas fábricas.

Na Inglaterra, o partido de ultradireita inglês, o National Front (NF), alistava jovens que vinham de famílias que enfrentavam o desemprego. Para o NF, o país sofria a decadência econômica, pois havia os parasitas migrantes, tais como os africanos, ciganos e eslavos e isso só mudaria com a extermínio desses, o país voltaria, então, a ser o que era.

As tretas de feriados bancários e nos estádios de futebol eram as que sempre ganhavam espaço nos noticiários. Essas começaram a ficar tão sérias que a *paki-bashing*, a perseguição aos imigrantes paquistaneses e depois começaria a perseguir outras nacionalidades. A hostilidade não era só de skinheads, mas de jovens antilhanos, gregos e outros.

Os asiáticos eram vistos como competidores por moradia e emprego, e nessa época o trabalho nas fábricas era muito difícil e a tradicional classe operária começava a perder espaço para arquitetos que planejavam construir torres.

A lista de grupos que os skinheads tinham antipatia já não era pequena, pois incluía hippies, gays, greasers, tarados em geral e todos que estivessem do “lado errado da vida”.

Havia as gangues de skinheads negros conhecidas como *affro boys*, essas entravam em conflito com as gangues de skins brancos não por cor, mas por questões territoriais.

A imagem dos skinheads era tida como violenta e, ao contrário do que a sociedade possa pensar, eles amavam isso. O fato de aparecer no jornal ou até mesmo ir preso podia ser visto como vantagem por eles.

No fim de 1970, alguns skins mais antigos no movimento foram para outra. Pois a violência já tinha se tornado a característica do movimento e os mais novos acreditavam que ser skin era só isso. Em algumas cidades, eles tinham toque de recolher nas ruas.

Filhos do skinhead

Era de conhecimento geral que alguns desses jovens só estavam no movimento skin pela bagunça e seguindo a moda proletária. Mas alguns estavam ali porque levavam a sério, e esses levariam os valores do movimento para frente por mais tempo.

Os skins começaram a deixar o cabelo crescer e agora sua imagem estava associada à decadência da botinada. Logo ficou evidente que apareceria um novo protótipo, “um bicho mais maneiro & maneiroso, que atenderia pelo nome de suedhead (cabeça-de-camurça)”, de acordo com Marshall (1991, p. 39).

O suedhead já era um movimento à parte desde 69, na Inglaterra. Esse nome veio do cabelo à escovinha que quando crescia aparentava-se com camurça, mas era curto o suficiente para manter a tradição skinhead. Os suspensórios foram substituídos por

cintos. Alguns foram ao extremo do estilo e ficaram conhecidos como “cavalheiros urbanos”.

Havia também os *croombie boys*, que eram conhecidos por andar sempre com roupas certinhas, o nome deriva do tipo de, sobretudo (chamado croombie), que eles usavam.



Fonte: <http://www.geocities.com/koolgrrl2201/pirate.html>

FIGURA 5 - CROOMBIE

Por volta de 70, apareciam os *smoothies* e na primavera de 71 os *suedhead* começaram a deixar o cabelo crescer e foram se tornando *smoothies*.

No norte britânico em 72, ainda podia-se notar os últimos traços do estilo *skin* que de 69, que sobreviveria até 74, o movimento não chegou a morrer por completo, embora a missão de levar a bandeira do movimento continuasse para uns poucos *skins*. Os

bootboys de arquibancadas não tinham muito em comum com a geração de skinheads que tinham dominado a área.

Para entender o novo contexto do movimento juvenil skinhead, em meados da década de 70, vejamos esse trecho de acordo com Marshall, *A Bíblia do Skinhead*, (1991 p.41):

As lojas da High Street tinham novos estilos em suas prateleiras, prontos a atacar as próximas gerações de trouxas que tentavam se situar no difícil universo adolescente. O reggae tinha perdido o charme para muitos garotos brancos, já que colocava seus talentos a serviço do espírito de Jah, do rastafarianismo e doutros temas africanos. O glam rock era a nova onda, e uma porrada de hooligans partia pra parafernália debilóide do Slade e do Mott The Hoople. Até o soul tinha sido eclipsado pelo funk, e o gênero discoteca à la John Travolta logo encontraria terreno fácil.

O reggae agora era roots e falava sobre amor a Jah, o soul não era mais o mesmo, e os skinheads ficaram deslocados. Mas em 76 o punk veio e virou tudo de pernas para o ar.

O punk chegou nas paradas de sucesso no Reino Unido com a banda Sex Pistols com a música *Anarchy in UK* (anarquia no Reino Unido). A banda tinha em sua formação o empresário Malcom McLaren que procurava promover sua loja de roupas chamada Sex e também “agitar umas *gigs* (festas) de escolinha de arte”, Marshall (1991, p.45).

Por volta de 77, bandas que tocavam o verdadeiro punk eram boicotadas e sempre deixadas por último nas divulgações e programações, mas isso não foi impedimento para essas bandas. E o “punk autêntico, honesto e fiel, viria direto do coração de bandas de rua, como Sham 69, Cock Sparrer, Menace e Skrewdriver”, conforme Marshall (1991, p.46).



Fonte: http://img.dailymail.co.uk/i/pix/2007/09_03/SexPistolsL_468x310.jpg

FIGURA 6 – SEX PISTOLS



Fonte: <http://www.cbgb.com/shrine/photos/Sham%2069.jpg>

FIGURA 7 – SHAM 69 NA CBGB

A nova tendência do punk, que era o rueiro foi a invocação para a volta do skinhead, mas o novo skin não era mais o mesmo de 69. Os novos skins eram um tipo de punk careca e muito mudou na sua estética, que segundo Marshal (1991, p.46):

Muita água tinha passado por debaixo da ponte, e a nova estirpe refletia as mudanças da década em que vivia. Em vez de máquina três ou dois, a raspagem a zero e até a careca lisa viraram norma. Ainda se usavam botas como antes, mas agora totalmente expostas, com a perna da calça acima da beira do cano. Além disso, a moda passou a ter botas de 14 e até 22 ilhoses, e alguns casos chegando ao joelho. Até que você acabasse de amarrá-las, a moda já teria passado.

Na nova onda skin, até as tatuagens que eram tradicionais no braço mudaram para as tatuagens faciais. Era como questão de escolha pessoal a tatuagem, e alguns garotos escreviam em suas testas frases como MADE IN BRITAIN (fabricado na Grã-Betanha). E, em sua maioria, essas tatuagens eram toscas, pois os profissionais da época não trabalhavam com tatuagens faciais.

Havia poucos skinheads legítimos, que tinham sobrevivido às novas tendências que chegavam com os anos, e que primavam por viver o espírito de 69. Esses não queriam ter contato com essa nova onda skin.

Devido a várias brigas e acontecimentos que foram diminuindo a aceitação do punk, a nova geração de skinheads procurou ser afastar da imagem punk e como sempre voltou à busca de viver o espírito de 69. Como prova disso, o reggae estava de volta, de acordo com Marshall (1991, p. 47):

“[...] o velho estilo voltou à cena, e foram reaparecendo os crombies, as Ben Shermans, as sta-press. Os borgues já se misturavam livremente com as botas e os jeans desbotados. Era o visual de 69 com o sotaque de 76. Os skinheads voltaram a se preocupar com a aparência, preferindo a estica ao deliberado relaxamento dos punks. Até o reggae skin foi redescoberto e teve espaço entre os DJs e as bandas.”

Em meados de 78, alguns punks rasparam a cabeça e se juntaram aos skinheads que agora tinham foco no *street* punk (punk de rua). Para esses punks, raspar a cabeça era uma forma de mostrar repúdio ao punk de plástico. Porém os skin ainda eram minoria.

Das bandas rueiras, nenhuma se considerava, propriamente, skinhead. “Aquele que é considerada como precursora do punk de rua, a Cock Sparrer, costumava subir ao palco usando botas, colarinho abotoado nas pontas e calças *sta-press*, mas faltava a cabeça raspada para acompanhar”, conforme Marshall (1991, p.47).

O vocalista da banda Sham 69, Jimmy em 78, saiu do palco chorando, pois viu o show de tornar um verdadeiro “quebra-pau”, e isso era freqüente na época, geralmente, os skins puxavam ou terminavam as brigas. Por isso os skinheads sempre levavam a culpa. Os fãs de música punk pensavam duas vezes antes de ir para uma gig ver sua banda, pois teriam que enfrentar a “malhação”, ou pancadaria, que acontecia.

A influência do skinhead no hardcore nova-iorquino

Milhares de jovens escutam hardcore, pensam viver, ou vivem um estilo de vida hardcore. Mas poucos sabem de onde vieram os valores e como a cena virou o que é hoje.

Datado no ano de 1994, alguns acontecimentos na cidade de Nova Iorque, onde os skinheads bebiam e faziam suas *gigs*, marcaram a cidade. A imprensa daquela época como da atualidade também, tinha o hábito de ver somente o que queria e ignorar o grande número de skins multi-raciais que estavam sempre presentes nas ruas do centro da cidade. Essa imprensa publicava que todos os skins eram nazistas e que apresentavam grande perigo para sociedade.

Era possível encontrar as gangues skinheads nova-iorquinas, como também na Inglaterra também, mas nos EUA haviam costumes um pouco diferentes. Os skins

compravam suas bebidas em lojas de conveniência e colocavam dentro de sacos, pois era proibido beber na rua e eles não tinham dinheiro suficiente para beber num bar.

Algo muito comum entre os skins eram os fanzines, que continham textos sobre gigs, garotas, música e gravadoras, e esses eram fotocopiados quando os chefes não estavam olhando.

Nos Estados Unidos, especificamente, “Nova Iorque foi realmente a cidade do nascimento do Sharp – skinheads contra o preconceito racial. Isso começou na metade dos anos 80 por três skinheads da cidade, chamado Marcus (agora tatuador na Califórnia), Troy e Bruce”, (Marshall, 1996, tradução nossa).

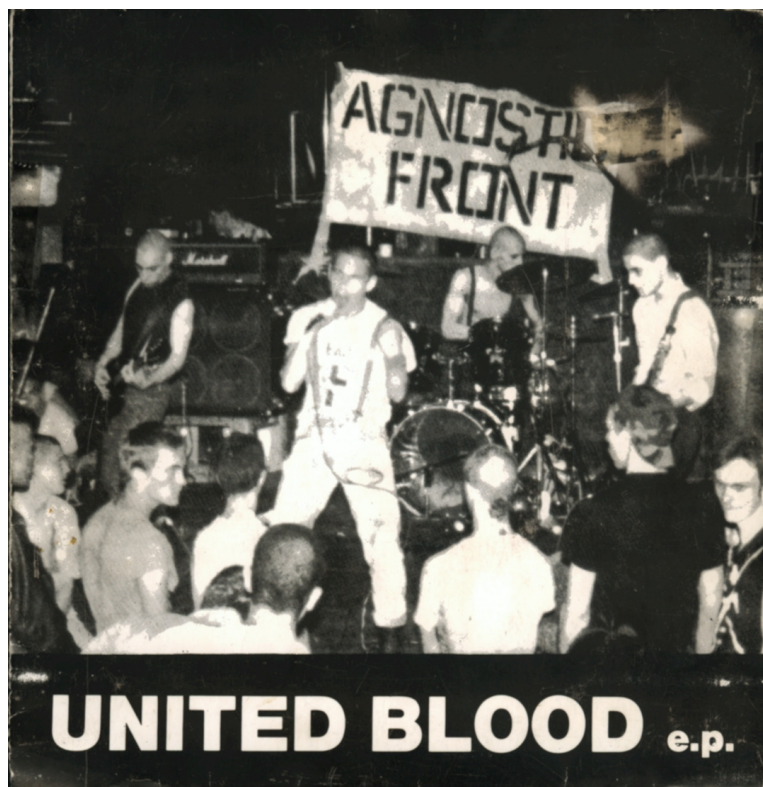
Outra organização apareceu, SPAR (skinheads e punks contra o racismo), mas não foi igual ao SHARP. Aos poucos o SHARP perdeu-se em Nova Iorque e alguns diziam que era positivo demais e que tentaram pintar os skinheads como anjos e havia ainda outros que pensavam que era lutar por uma batalha que já era perdida.

Os skinheads em Nova Iorque vieram de uma tradição de gangues, mas têm algo em comum com as outras gangues de Rua da América, com exceção das bicicletas. Depois do punk rock ter se transformado em hardcore, era possível encontrar os primeiros skins perto do clube A7. A cena de hardcore crescia. Bandas de hardcore como Agnostic Front, Cro-Mags, Murphy’ Law foram responsáveis por uma disseminação da cultura skinhead para outras cidades. Diferentemente dos skinheads antecessores a essa fase hardcore, que lutavam por território e drogas, a nova cena skin era só música e estilo que lhes davam senso de unidade a alguma coisa que estavam ligados e se importavam. Compartilhavam o mesmo orgulho que os outros skinheads do mundo inteiro tinha.

A CBGB foi fundada em 1973 por Hilly Kristal, era nesse clube que aconteciam os shows de hardcore skins. Essa casa de show foi palco para grandes bandas de

hardcore skinhead , lá ocorreram shows de bandas como ramones e outras bandas da cena punkrock e skin.

Em entrevista dada ao site underworlomag, a banda Agnostic Front afirma ainda carregar na atualidade os mesmos valores da cena hardcore nova-iorquina da década de 80, tais como união, perseverança, luta e respeito. Confirmaram também a sua raiz de skinheads tradicionais. Mesmo com o passar do tempo, a banda continua influenciando a cena hardcore e foi uma das primeiras “united band”, que prega a união da cena.



Fonte: http://www.goodbadmusic.com/wp-content/uploads/2007/11/af_front.jpg

FIGURA 8 –E.P, “UNITED BLOOD” DA BANDA AGNOSTIC FRONT

A banda Agnostic Front compôs uma música chamada *United Blood* (sangue unido), que fala exatamente sobre o que a banda pensa sobre a cena hardcore de Nova Iorque, (vide anexo A).

Na cena hardcore, a estética visual dos skinheads permanecia a mesma: o jeans, botas, camiseta ou camisa pólo. Mas hoje a estética hardcore é um pouco mucada. A calça jeans pode ser substituída por bermudas, as botas por um tênis Nike, boné de baseball ou estilo exército, blusas de banda, bandanas, alargadores e as tatuagens de estilo *oldschool* e ou *newschool*.



Fonte: <http://www.dobi.nu/yourscenesucks/hxc/scene.jpg>

FIGURA 9 – NOVA GERAÇÃO HARDCORE

Em Nova Iorque, a música “Oi”! não era o único estilo que os skinheads ouviam, mas também, como na Inglaterra, escutavam ska e reggae e havia cena para isso, graças a Moon Records e uma banda chamada The Toasters. Depois viriam bandas como The Mighty Mighty Bosstones.

Os boneheads ou skinheads nazistas

Como dito em “Origens do movimento skinhead”, na Inglaterra havia o recrutamento de jovens para o NF. Em 77 o National Front criou a ala jovem do partido o Young National Front (YNF), e visava trabalhar suas bases nas escolas, campos de futebol, gigs e clubes juvenis. Segundo Marshall, (1991, p.91):

Os skinheads eram o maior foco de recrutamento de militantes para o NF, desde os tempos da Sham. Enquanto praticamente todo mundo condenava o hooliganismo no futebol e outros passatempos dos skins, o YNF saudava a carecada como guerreiros das arquibancadas, publicando regularmente no *Bulldog* notícias sobre os skins mais “raçudos” (leia-se bagunceiros) como se fossem heróis, exemplos a serem seguidos. Ali estava, portanto, um partido que não falava para você e sim de você, e não olhava você de cima pra baixo, mas te tratava como se você fosse a elite da juventude britânica.

Da mesma forma como os punks foram tachados todos de anarquistas, logo, os skinheads foram considerados “soldados” do NF. Para esses jovens, era a oportunidade de mostrar usar a bandeira inglesa e mostrar o dedo para o resto da sociedade. As brigas com ativistas contrários ao National Front durante os atos públicos e passeatas tornava maior o charme do partido entre os skins, de acordo com Marshall (1991, p. 91).

Em contrapartida, começava a ganhar mais espaço também a Liga Antinazista na Inglaterra. E suas manifestações ficavam muito famosas por levar bandas como: Clash, The Tom Robinson Band e Steel Pulse. Essa iniciativa ficou conhecida como Rock Against Racism (rock contra o racismo) e copiando a idéia vieram os nazistas e fizeram o Rock Against Communism (rock contra o comunismo).

Os skinheads eram cada vez mais atraídos para o YNF, pois a postura clássica do movimento skin era: “Ninguém gosta da gente, mas não estamos nem aí”. A culpa disso foi dada às ligas antifascistas, pois colocavam o Young National Front no canto do ringue que era exatamente onde alguns jovens queriam estar.

Capítulo II - As representações estéticas do movimento

A influência estética jamaicana

A identidade estética dos skinheads provém duma junção estética do proletário londrino, mais a estética musical jamaicana, que era manifesta por meio da estética dos *rude boys* (ganguê jamaicana), a cultura dos campos de futebol e sua estética rueira, e somada ainda a herança dos moderninhos.

Primeiro deve-se tratar da influência do *rude boy* sobre o movimento skinhead. Os *rude boys* são considerado o primitivo do skinhead. Os meninos rudes eram os principais adeptos do ritmo chamado *ska* e não eram bem aceitos pela sociedade, pois tinham contato com o baixo mundo e tinham seus problemas com a polícia, e por último eram consumidores excessivos de maconha, segundo Salas (2006, p.31):

Afirmam os conhecedores que o *rude boy* é o primitivo skinhead, que se veste de forma elegante, imitando seus heróis das fitas de gângsteres, como farão pouco depois os mods.

Para se compreender a entrada da música jamaicana no Reino Unido é importante ressaltar que a Jamaica teve em 1962 sua independência da Grã-Bretanha e começou a viver uma etapa de festa e desenvolveu-se o *rocksteady* (ritmo musical entre o *ska* e o *reggae*).

A influência jamaicana é muito forte sobre o movimento skinhead e até seu estilo de música predileta o reggae é jamaicana, isso em 69 durante o auge do movimento. A palavra reggae veio de uma música da banda Toots and the Maytals “Do the Reggay”, que se refere a *regular people*, as pessoas normais que andam a pé, gente da rua, isso de acordo com o conceito do proletário depois difundido pelos skinheads.



Fonte: <http://www.globalvillageidiot.net/images/2908.jpg>

FIGURA 10 – *RUDE BOYS IN DANCEHALL*

Os *mods* foram influenciados pelos jamaicanos, pois freqüentavam os bares e festas ilegais para apreciar uma boa música e eram admiradores da estética dos *rude boys*. E os *mods* foram precursores dos skinheads.

Dos *rude boys* os skinhead esteticamente herdaram um pouco do “glamour na noite”, pois nas gigs os skins iam com suas melhores roupas. E o estilo de gângsteres era mais peculiar de *mod*.

Uma curiosidade sobre o estilo de calças mais curtas de skinhead tem relação com o cantor Desmond Dekker, que em um show cortou seis polegadas de sua calça, conforme Marshall (1991, p. 13):

Quando trouxemos Desmond Dekker, demos-lhe um terno, mas ele fez questão que fossem cortadas seis polegadas da perna das calças. E os garotos passaram a imitá-lo, enrolando a bainha das calças e cortando o cabelo bem curto.



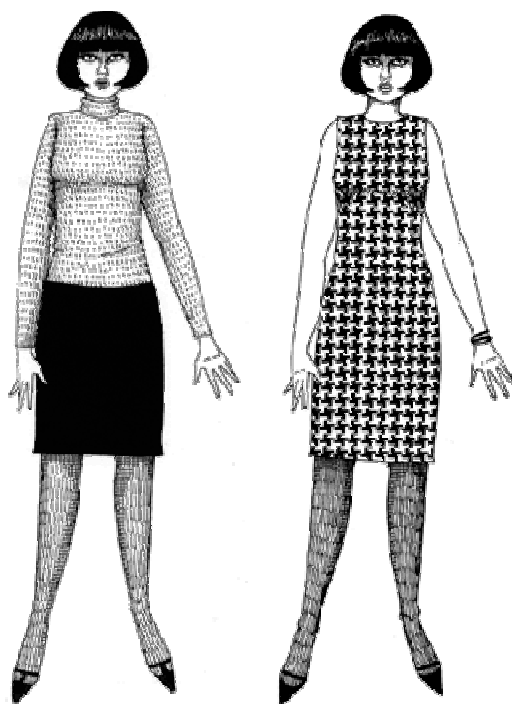
Fonte: <http://www.nytimes.com/2007/07/22/movies/22full.html>

FIGURA 11 – SKINHEADS LONDRINOS

A herança dos pais do movimento

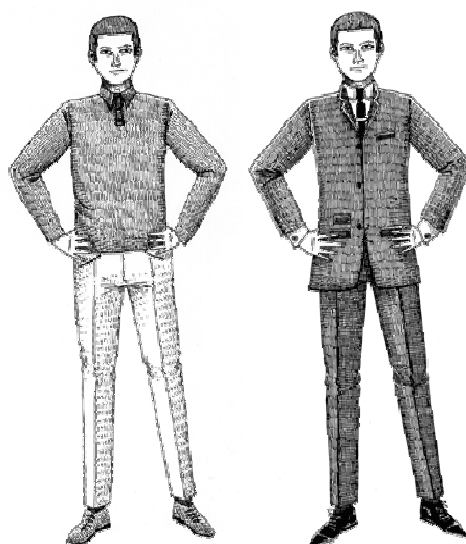
Os *mods* são considerados os pais dos skinhead. Sua herança sobre o movimento skinhead era notada, facilmente, quando os skins iam às gigs, pois os terninhos, a roupinha mais engomada era usada e a influência musical também era percebida. O ritmo dos *mods* era o *ska* e depois do *ska*, na história da música jamaicana veio o reggae e esse ritmo era o predileto dos skins. Tudo numa seqüência lógica. Alguns mods se tornaram *hard mods*, pois eram mais rueiros e desse provém o espírito rueiro dos skins. Já existia entre os mods as gangues e tretas com outros movimentos juvenis.

Abaixo algumas fotos que mostram a maneira comportada dos *mods* se vestirem e depois pode-se fazer uma comparação com o jeito comedido, mas ao mesmo tempo ousado das *skingirls* e skinheads se vestirem.



Fonte: http://www.stilemod.it/stilemod/abbigliamento/original_donna.html

FIGURA 12 – VESTUÁRIO *MOD* FEMININO



Fonte: http://www.stilemod.it/stilemod/abbigliamento/original_uomo.html

FIGURA 13 – VESTUÁRIO *MOD* MASCULINO



Fonte: <http://skinbyrd.com/category/blonde/>

FIGURA 14 – SKINGIRLS



Fonte: <http://es.geocities.com/rashunida/Alex01.jpg>

FIGURA 15 – SKINHEAD TRADICIONAL

Os bootboys

Na década de 60, a Inglaterra passava por um momento estável em sua econômica e no futebol tiveram grande êxito no Mundial de Futebol. Nessa época, vários jovens passaram a seguir suas equipes de futebol pelos diversos estádios em que eram disputados os jogos. E a violência entrou nos estádios, conforme Salas (2006, p.32):

“[...] surgiram torcidas ultras, fanatizadas pelas cores de seus times, e eclodiu a violência entre elas, surgindo assim os *bootboys*. As lutas entre seguidores de diferente times ficaram famosas e esses enfrentamentos diários acabaram por mobilizar a polícia, os tribunais e a sociedade civil, que apertaram tanto o controle das partidas que acabaram por asfixiá-las.”



Fonte: http://www.maxhtec.net/Terrace_Culture/culture_02.html

FIGURA 16 – *BOOTBOYS*

Os *bootboys* foram os responsáveis por tornar o uniforme dos skinheads mais informais. A calça jeans e botas, com um estilo bem rueiro e pronto para brigar era o

estilo desses garotos que freqüentavam os estádios de futebol. E sem esquecer o símbolo do time nas jaquetas. Alguns skinheads adotavam esse estilo somente para o dia e deixavam uma roupa mais arrumadinha para as gigs, mas depois virou roupa da noite também, ficava a critério de cada skin.

Algumas manifestações estéticas no vestuário skinhead

Para identificar um skinhead na atualidade, é questão de procurar uma cabeça raspada e suspensórios, mas em 69 era diferente, conforme Marshall (1991, p. 15):

Cada movimento juvenil pode ser identificado pelo estilo ou pela moda que o acompanha, e o skinhead não foge à regra. No final de 69, um uniforme estava virtualmente definido e em exposição através destas belas ilhas, mas nada indicava que a coisa pararia por ali. Uma vez usando botas, você já podia se intitular um skinhead, o que valia para praticamente todo adolescente da classe operária naquela época.

Agora começaremos uma análise do vestuário de cima para baixo, então primeiro o cabelo. Os skins ganharam esse nome devido ao seu corte de cabelo era cabeça raspada (que dava para ver o escalpo do couro cabeludo) e também o corte à francesa, bem curto. Mas era possível ver nos Estados Unidos um corte diferente que era quase sem cabelo dos lados e atrás, porém mais longo no alto, igual o usado por Richard Gere em *A força do destino* (*An Officer and a Gentleman*, 1981). E haviam três tipos de corte de cabelo, segundo Marshall (1991, . 15):

Na nuca o corte podia seguir a linha do cabelo, ficar arredondado ou quadrado, estilo Boston. Os três estilos tinham seus adeptos. Outra variação era um aparado com risca. Riscas davam um toque de classe a algo que, sem si, era bem simples. A idéia veio dos garotos jamaicanos, cuja versão de cabelo aparado era chamada de *skiffle*.

O charme das costeletas também era moda entre os skins. Era usado à maneira do jogador Charlie George, do Arsenal, que possuía belas costeletas. Elas eram usadas por skins mais velhos que usavam também barba, porque desejavam se mostrar mais velhos e “respeitáveis” nas ruas. O seu atributo era virilidade.

As camisas uma das peças principais e que daria o toque final para o uniforme skin de 69. Existiam as camisas mais famosas entre os skins que eram a sem colarinhos com cores lisas, ou ocasionalmente listradas, e a com colarinho americano, abotoado nas pontas, que antigamente era muito usada pelos mods. De acordo com, Marshall (1991, p.16):

O modelo mais procurado de camisa com colarinho americano era da marca Ben Sherman, originalmente fabricado em tecido Oxford muito confortável, com um botão na parte de trás do colarinho, em além duma prega nas costas, com uma alcinha para pendurar a camisa. Essa era imbatível no estilo. Os colarinhos iam até quatro polegadas na largura e vinham listrados ou em cores lisas, já que as “Bennies” axadrezadas só apareceram depois de 1970. Na verdade, Ben Sherman entrou no padrão xadrez imitando outros fabricantes, mas sempre foi feliz, já que alguns desenhos eram qualquer coisa de horrível.

Havia também as camisas da velha Fred Perry de tênis, que tinham mangas curtas. A sua popularidade estava eram os detalhes, como o roletê no colarinho e nas mangas, e também a convenção de cores copiando as dos times de futebol: branco e azul-marinho e outras.

A calça dos skins mais comum era o jeans, da marca Levi's, que foi popularizada pelos mods, mas o modelo 501 era a predileta, pois tinham detalhes como barguilha abotoada e era feita de um pano mais pesado e resistente. Outras marcas como Wrangler e Lee também estavam na lista. Existem algumas curiosidades sobre como os skinheads começaram a usar suspensório, conforme Marshall (1991, p.16):

Outro lado sobre a Levi's é que a calça era desenhada para ser usada nos quadris, mas todo mundo a puxava até a cintura, daí a necessidade de algo que as segurasse bem, o que acrescentou o suspensório ao guarda-roupa dos skinheads.

As botas eram o charme, mas também depois nas ruas e estádios ela virou uma arma para os skins. As biqueiras metálicas que as botas tinham era o que fazia ela ser uma grande arma. A marca predileta era a Doctor Marten, segundo Marshall (1991, p. 16)

“[...] a bota Doctor Marten está universalmente adotada, é porque as biqueiras metálicas acabaram proibidas nas arquibancadas por serem consideradas perigosas. Mas a popularidade das “Docs” não tem só essa razão. Elas tinham outras vantagens sobre os borzeguins ordinários: permitiam maior polimento e, acima de tudo, eram mais macias e confortáveis, o que fez daquela marca a favorita desde que apareceu no mercado”.

As skingirls usavam o cabelo curto, mas sem raspar. As meninas não raspavam a cabeça porque naquela época pensariam que elas teriam saído de um manicômio ou da prisão. Mas as skins cortavam o cabelo em barbearias de homens e mais tarde viria o corte clássico. Esse era o “cabelo” cortado em máquina um, exceto uma pequena franja que vai da orelha, tanto na parte da frente como na nuca. Aí se deixa crescer o cabelo, formando uma franja que dá volta na cabeça toda”, Salas (2003, p.105). As roupas das skingirls tinham marcas em comum a dos garotos, como por exemplo, as camisas Ben Sherman e Fred Perry, usavam sainhas, acima do joelho, de cores mais neutras, como preto e cinza, e algumas xadrezes tipo escocesa. As *bombers* e os casacos Harrington também faziam parte do visual feminino. As skins usavam mais camisas com decotes em V para combinar com o penteado de cabelo.

Os sapatos das garotas, além das botas com biqueiras de aço, também eram os Penny loafers, que têm a sola grossa, tiras de couro e um laço no peito do pé e uma franja de cor na parte de cima. Havia também os sapatos Mary Janes e os Borgues. E para combinar meias de calça e meia soquete por cima.

Jesus Skins – Skinheads against religious prejudice: Religião e a sua manifestação estética no movimento

Poucos sabem da existência da banda alemã Jesus Skins, que tem os valores religiosos agregados aos valores skins. Eles dizem ser SHARPs, significando a sigla não skinhead contra preconceito racial e sim skinheads contra preconceito religioso.

Pode-se dizer que eles levam as boas novas do evangelho como todo bom cristão e tocam um bom som Oi! para skinhead nenhum colocar defeito. Nas ruas ao invés de arrumar briga e ter gangues rivais eles entregam folhetos E em seus shows a banda carrega um crucifixo e não deixa de lado a cerveja, que é a bebida predileta de todo skinhead. Embora seja possível escutar vários aleluias, Jesus e amém nos shows, estes não acontecem na Igreja, mas sim em pubs.

O visual desses skinhead religiosos é igual ao dos skinheads tradicionais, como por exemplo, as calças, botas e suspensórios. Mas o que muda é o crucifixo e as canções de suas letras. A banda Jesus Skins e também a banda Jew Driver, que é uma banda de skinheads judeus, têm como base para composição de letras temas religiosos. Letras como *Jesus Christus* (Jesus Cristo) fazem parte da composição da banda Jesus Skins.



Fonte: <http://www.jesusskins.de/>

FIGURA 17 – COMPONENTE DA BANDA JESUS SKINS



Foto: <http://www.jesusskins.de/>

FIGURA 18 – BANDA JESUS SKINS

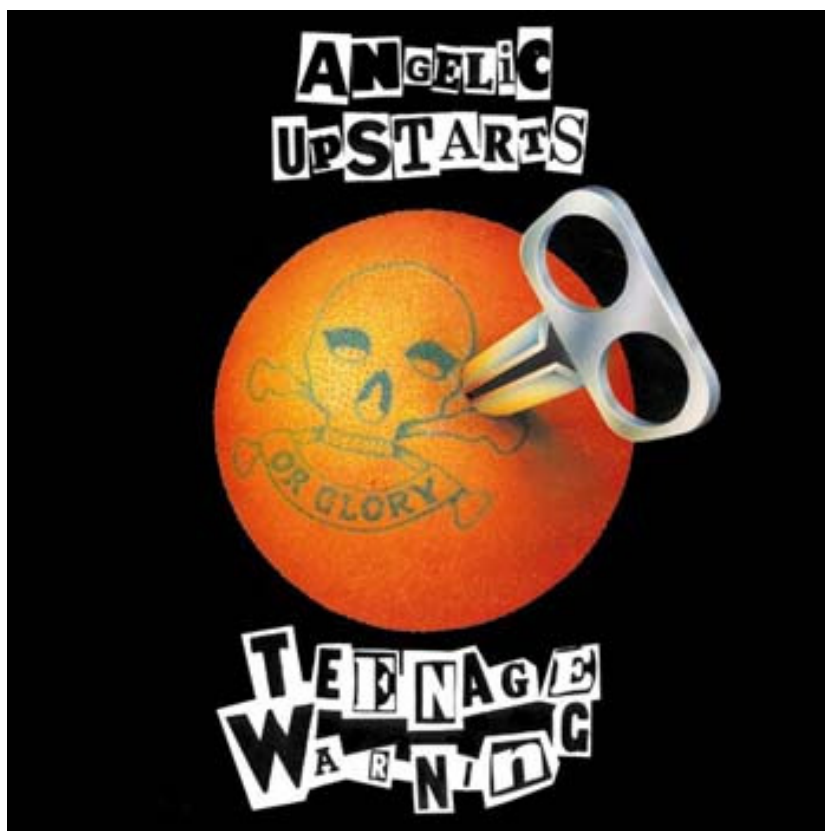
Capítulo III - A estética e a violência

Em 1971, foi lançado o filme “Laranja Mecânica” de Stanley Kubrick, baseado no livro de Anthony Burgess. Esse filme ficou conhecido com um épico da ultra-violência e gerou grande fascínio entre os skinheads da época, segundo Marshall, (1991, p.43).

O filme veio a influenciar tanto a estética como a música, de acordo com Marshall, *A Bíblia do Skinhead*, (1991,p.43):

Laranja mecânica é um dos mais populares na cena underground, tendo influenciado várias bandas skins. The Violators, Blitz, The Oppressed e The Clockwork Soldiers usaram o tema citric com bom efeito. O single *Teenage Warning* dos Upstarts (1979) mostrava na capa uma laranja com chave (isto é, uma laranja “de corda”, significado do termo *clockwork*). A banda Last Resort gravou *Horrorshow* como The Warriors, e a Major Accident, de Darlington, decididamente fissurou no tema.

No filme Laranja Mecânica, é possível ver manifestações estéticas em comum entre a gangue de Alex do filme e os skinheads, tais como suspensórios, calças, as botas. Fazendo um paralelo entre o filme e o movimento skinhead é possível ver rotinas comuns aos dois, mas de uma forma meio diferente. Os skins bebiam cerveja e a gangue de Alex bebia molotov (da gíria nadsat, do filme, que significa leite) e ambos saíam com as suas respectivas gangues para beber; os dois gostavam de mulheres, mas a gangue de Alex algumas vezes estuprava as garotas para ter sexo e os skins não praticavam esse tipo de violência; em ambos os passeios das gangues, praticavam violência, ou no caso do filme “Laranja Mecânica”, a ultra-violência, como por exemplo, na cena em que eles agridem um mendigo.



<http://www.captainoi.com/images/covers/angelic-upstarts-teenage-warning-ahoy-cd-227.jpg>

FIGURA 19 – Capa do CD “*Teenage Warning*” da banda Angelic Upstarts



<http://www.gonemovies.com/WWW/XsFilms/SnelPlaatjes/ActKubrickClockwork.jpg>

FIGURA 20 – Cena do filme *Laranja Mecânica*

A violência sempre esteve presente no movimento skinhead desde a década de 60 onde haviam as tretas de feriado e nos estádios também. O que se pode notar é que ao longo da história do movimento skinhead as ações históricas foram cênicas e violentas e, dessa forma, se manteve na representação do terror para alguns. Essas ações históricas foram responsáveis pela perpetuação da cultura skinhead. A violência vai ter como tendência a sua organização em cena, e as condutas mais violentas, tais como matar, exterminar serão as mais teatrais. No filme “Laranja mecânica” pode-se notar essa estética de violência teatral, mas que no mundo real é mais cênica que numa ficção. Pois a realidade dos skinheads era assim, como por exemplo, as brigas nos show punks no fim da década de 70, esses eram violentos a ponto de deixar fãs de bandas em casa por causar total pânico. Essa relação entre cena e violência é descrita por Mario Perniola, no texto “Cena e violência”, no livro “Muito além do espetáculo” de Adauto Novaes (2005, p.183):

A ação histórica precisa ser cênica para ter um sentido e ser ação violenta para ser real. Precisa ser cênica, isto é, repetir um modelo, ritualizar um mito, recitar um texto, porque deve criar acima da sociedade natural uma sociedade “racional”... Mas ela precisa ser também violenta, porque não pode apresentar-se simplesmente como espetáculo sem cair na farsa. Por isso é obrigada a manter a seriedade da representação com a morte, e, nos casos extremos, com o terror.

Para ir às gigs, os skinheads tinham uma roupa própria e para ir aos estádios uma mais simples. As roupas de estádio depois ficaram mais comuns até mesmo na noite, pois essa era propícia para a prática da violência. A estética do movimento skinhead pode ter tomado outros caminhos devido à violência. O visual skin foi sendo mais simplificado, mas até a atualidade existem os que querem voltar ao espírito de 69 com o mesmo estilo de visual arrumadinho. Um fato que deve ser levado em consideração também é a influência do *street punk* no visual dos cabeças raspadas.

Considerações Finais

Os resultados obtidos neste trabalho de conclusão de curso são baseados em uma pesquisa sobre as origens do movimento skinhead na Inglaterra e em alguns países específicos onde teve alguma relevância o seu estudo, englobando os grupos juvenis anteriores e contemporâneos dos skins.

A mídia diz que os skinheads são nazistas e a maior parte da população só tem acesso às notícias manipuladas. Foi possível constatar nesse trabalho que os skinheads em sua origem não eram nazistas, mas houve um grande esforço do National Front para que todos fossem. Algumas características um pouco preconceituosas que existiram no início do movimento e por alguns foram levadas adiante, tal como homofobia, xenofobia, pode ter sido fator agravante para ligar a imagem de um movimento inteiro como preconceituoso e nazista.

Baseado nesse estudo foi possível comprovar a influência musical jamaicana e sua importância para que os skinheads nascessem e tivessem alguns de seus valores, afinal, o reggae (ritmo jamaicano) foi a música predileta no auge do movimento skin.

Foi verificado também que o movimento trouxe para a cultura de massa de hoje e do mercado, a absorção dos modelos estéticos skinheads roupas, acessórios e seu visual em geral.

Referências

-AMPUDIA, Ricardo Talachia. "Odiados e Orgulhosos: Um mapa da ação e organização dos grupos skinheads paranaenses". UEPG: Ponta Grossa, 2007.

-COSTA, Márcia Regina. *Os carecas do subúrbio: caminhos de um nomadismo moderno*. Musa, São Paulo, SP, 2000.

-CUSSET, François. *Filosofia Frances: a influência de Foucault, Derrida, Deleuze & CIA*. Artmed, Porto Alegre, RS, 2008.

- MARSHALL, George. *Skinhead Nation*. Editora Consortium. Oakland, California, U.S.A, 1996.

- MARSHALL, George. *Espírito de 69 – A Bíblia do Skinhead*. Trama Editorial Ltda. São Paulo, SP, 1991.

- MATHEWS, Grodon. *Cultura global e identidade individual*. Edusk, Bauru, Sp, 2002.

- NOVAES, Adauto. *Muito além do espetáculo*. Editora Senac, São Paulo, SP, 2005.

-SALAS, Antonio. *Diário de um skinhead: um infiltrado no movimento neonazista*. Editora Planeta do Brasil, São Paulo, SP, 2006.

-SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI: No loop da montanha-russa*. Companhia das Letras, São Paulo, SP, 2001.

http://www.underworldmag.org/website2005/DirEscrita/edicoes/art_CoCZ88IPs88g.pdf
Acesso:17/03/2008 às 23:00

<http://b-grrrl.livejournal.com/>
Acesso:20/03/2008 às 18:30

<http://www.alpacino.ws/images/the2godfather4.jpg>

Acesso:25/03/2008 às 21:11

http://www.sherrys.co.uk/men/men_suits.html

Acesso:07/04/2008 às 00:53

http://www.cthowell.net/The_Outsiders/The_Greasers.JPG

Acesso:12/04/2008 às 14:21

http://www.maxhtec.net/Terrace_Culture/culture_02.html

Acesso:12/04/2008 às 15:25

<http://www.geocities.com/koolgrrl2201/pirate.html>

Acess:13/04/2008 às 20:33

http://img.dailymail.co.uk/i/pix/2007/09_03/SexPistolsL_468x310.jpg

Acesso:15/04/2008 às 18:45

<http://www.cbgb.com/shrine/photos/Sham%2069.jpg>

Acesso:19/04/2008 às 15:16

http://www.goodbadmusic.com/wp-content/uploads/2007/11/af_front.jpg

Acesso:30/04/2008 às 19:27

<http://www.dobi.nu/yoursscenesucks/hxc/scene.jpg>

Acesso:30/04/2008 às 20:58

<http://www.globalvillageidiot.net/images/2908.jpg>

Acesso:30/04/2008 às 21:30

<http://www.nytimes.com/2007/07/22/movies/22full.html>

Acesso:30/04/2008 às 22:20

http://www.stilemod.it/stilemod/abbigliamento/original_donna.html
Acesso:10/05/2008 às 15:00

http://www.stilemod.it/stilemod/abbigliamento/original_uomo.html
Acesso:10/05/2008 às 15:15

http://www.maxhtec.net/Terrace_Culture/culture_02.html
Acesso:11/04/2008 às 19:57

<http://www.jesusskins.de/>
Acesso:11/05/2008 às 20:30

<http://www.captainoi.com/images/covers/angelic-upstarts-teenage-warning-ahoy-cd-227.jpg>
Acesso:11/05/2008 às 22:30

<http://www.gonemovies.com/WWW/XsFilms/SnelPlaatjes/ActKubrickClockwork.jpg>
Acesso:12/05/2008 às 23:52

<http://skinbyrd.com/category/blonde/>
Acesso: 13/05/2008 às 17:00

Anexos

Anexo A – Tradução da música Victim in Pain da banda Agnostic Front

"Vítima Sofrendo"

As pessoas dizem que sou louco
Uma vítima da sociedade sofrendo
As regras da Sociedade me fizeram cruel
Eu sou a oposição, não sou um tolo
A forma que eu ajo, a forma que me visto
Não me faz mais forte nem melhor
Logo eles irão entender meus motivos
Eu sou cabeça aberta e não cego
Então por quê estou enlouquecendo?
Por que eu sou o culpado?
Abra seus olhos, não minta para mim
Eu serei aquele que vive e prospera
Eu penso por mim mesmo e com certeza
As regras daquela sociedade não vão mudar minha cabeça

Anexo B – Vestuário de A-Z, livro *A Bíblia do Skinhead*, Marshall.

CAPÍTULO OITO

A-Z DO VESTUÁRIO SKIN (E OUTROS SÍMBOLOS)

O Skinhead nunca foi de se prender a rótulos comerciais, no sentido mais consumista, e este guia não pretende ditar regra sobre o que você deve ou não usar. É simplesmente um indicador do que está em pleno uso hoje em dia, ao lado daquilo que foi moda no passado. Não existe lugar pra esnobismo num movimento que se orgulha de ser proletário, e, só porque você tem um guarda-roupa abarrotado de ternos de tonics e camisas Brutus, isso não o torna melhor que um moleque que só tem uma Ben Sherman e um par de botas. Afinal de contas, qualquer bichão com grana no bolso pode posar de skin, mas o que conta é o que seu coração veste.

Abercrombie - V. Crombie

Airtex - Marca de camisa.

Airwair ou Airwear - Tipo de solado sintético (aerado), mais leve e macio que o de couro dos coturnos e botas industriais em uso antes do advento das Doc Martens.

ANL (Anti-Nazi League) (Liga Antinazista) - Organização política de esquerda, que promovia os shows do RAR, para a qual tocaram ou colaboraram várias bandas skins, desde a Sham 69 e os Angelic Upstarts até a Oi Polloi, passando pelas 2 Tone.

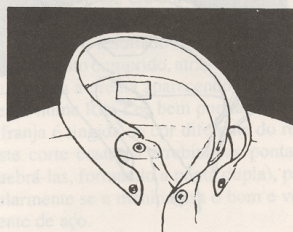
Arnold Palmer - Marca de camisa, geralmente (des)combinando várias cores em xadrez. Nem todas com o colarinho abotoado nas pontas.

Astronautas - Tipo de botas que já estiveram em moda, caracterizadas pelo cano alto (onze ilhoses). Assim chamadas por causa do solado tipo batata ruffles ou tábua de lavar roupa, que lembra as pegadas do homem na lua.

Batismo - V. Sangramenfo

Ben Sherman - A mais famosa marca de camisa skinhead disponível, não só por ser a mais acessível. Ben Sherman era um

canadense que começou vendendo sua própria linha de camisas estilo americano, no começo dos anos 60. Elas logo entraram na moda entre os Mods, mas foram os skinheads que fizeram a fama do cara. O colarinho de ponta abotoada inclui um botão na parte de trás, e o modelo traz uma alcinha nas costas pra pendurar a camisa, além duma prega. Tudo isso, somado ao bolso no peito esquerdo, virou marca registrada dos skins. Os modelos de manga curta tinham um corte em V na manga. Às vezes chamadas Bennies, e disponíveis em cor lisa, listradas ou axadrezadas.



Biqueira metálica - As botas reforçadas com tal aparato foram famosas por seu potencial nas tretas. Um chute daqueles nos bagos, e o cara dificilmente voltava pro pau. Mas desde que foram classificadas de "arma", as biqueiras foram caindo em desuso, em benefício de outras variedades de pisantes & chutantes.

Blazers - Foram muito usados pelos suedeheads, num modelo padrão de botões prateados. Geralmente traziam as cores dos times de futebol e o distintivo dum clube costurado no bolso do peito.

Blood & Honour (Sangue & Honra) - Organização político-musical que congrega as bandas white-power. Seu slogan é "a voz independente do RAC" e o símbolo é a

suástica de três braços.

Blusões de lã - Elegantes e confortáveis, especialmente os tricotados em lã de cordeiro. O skin vira lobo em pele de cordeiro.

Boné - O do tipo "achatado" e xadrez, tipicamente inglês, não pode faltar no inverno pra proteger a careca.

Botas - Originalmente eram coturnos militares, guarnecidos de biqueiras de aço. Também se usavam botas de mineiro da NCB (National Coal Board) ou as chamadas botinas *monkey*. Posteriormente as chamadas Doc Marten foram "oficialmente" adotadas, já que as de biqueira metálica não mais podiam ser usadas por estarem classificadas como "arma perigosa". As cores mais procuradas são o vermelho-cereja e o preto, apesar de que o preto perdeu um pouco do charme quando esse modelo foi adotado por policiais. Outras botas vêm em tons de marrom.

SUPER VALUE
"GREG MILITARY" COMMANDO SOLE
BOOTS HIGH LEG/STEEL CAP

ONLY

£15.99

Plus p&p £1

- 11 EYELET
- BLACK
- ONLY
- SMOOTH LEATHER
- HEAVY CLEATED
- COM-MAND
- SCREW ON SOLES
- INTERNAL STEEL TOE-CAP

SIZES: 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12.
ORDER TODAY — YOU'LL BE DELIGHTED
Send cheque/P.O. for £16.99 to: —
GREGORY SHOES Dept NM1
716 CRANBROOK ROAD, ILFORD, ESSEX IG6 1HU



Botina Monkey - Botas de cano baixo (até o tornozelo) com a palavra *Monkey* (macaco) escrita na sola. Popular entre meninos e meninas por ser disponível nas numerações mais baixas.

Bovver boot (bota de briga) - O coturno, considerado como instrumento de combate e reforçado com biqueira metálica.

V. Botas

Bovver brigade (brigada de briga) - Apelido que os próprios skins dão à sua tribo, subentendendo-se o uso das botas como armas nas batalhas contra outras gangues, tribos ou torcidas.

Brincos - Primeiro alguns caras puseram numa só orelha, no começo dos anos 70. Depois, nas duas. Já as garotas punham vários em cada orelha (a orelha da menina ficava parecendo um pau de cortina, cheia de argolinhas). Bem antes do punk, os skins de Sunderland usavam pequenos anéis no nariz. Era uma peculiaridade da moda local, enquanto os skins de Maidstone passavam o verão inteiro desfilando com aquelas enormes orelhas de plástico que você vê em lojas de mágicas & máscaras. Tem gosto pra tudo.



Brogues - É como os ingleses chamam os sapatos de amarrar com o couro pontilhado de furinhos ornamentais formando arabescos (o tal "modelo italiano" dos

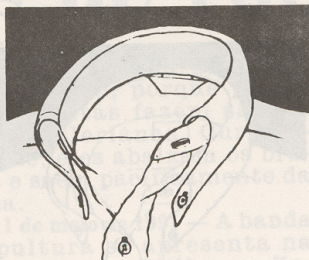
yuppies brasileiros). Comum nas cores preta, marrom ou vinho. Dependendo do fabricante, podem vir com biqueira de aço opcional. Nos States são conhecidos como *cordivans* ou *cordovans* e são usados por agentes do FBI.

Brutus - Marca de camisa, especialmente as confeccionadas em tartã. A Brutus Gold era xadrez, com colarinho abotoado nas pontas. A marca também fabricava jeans, mas estes não eram tão populares entre os skins quanto os da Levi's.

Cachecóis e lenços de pescoço - Quando usados, são em cores estampadas bem vivas, de tecido de lã escocês tipo *paisley*, colocados pra dentro da gola ou colarinho. Boa pedida no inverno, a menos que você more no Havaí (e antes que você pergunte, existem sim skins morando lá). Os de futebol são decididamente os preferidos (e os do Gillingham F.C. os mais cobiçados).

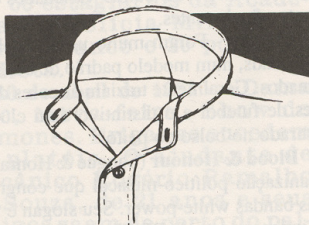
Cadarços - A cor dos cordões da bota é assunto pra mais discussão que um juiz de futebol cego. O problema é que cores diferentes significam coisas diferentes. Branco pode ser NF numa cidade, mas representa anarquia na outra. Em Montreal, amarelo quer dizer apoio ao assassino de tiras. O que complica as coisas é que sempre tem um sabidinho que conhece tudo e "dita" os significados.

Camisas - As de estilo americano,



com colarinho de ponta abotoada, são tranquilamente as mais populares. Sempre usadas com o botão do pescoço desabotoado e as mangas compridas dobradas (uma ou duas vezes). As da marca Fred são geralmente usadas totalmente abotoadas.

Camisa Union - Tipo de camisa sem



colarinho, também chamada "camisa do vovô" (no Brasil, "gola de padre"). Remete ao tempo em que o colarinho era substituível e, no caso de trabalhador braçal, dispensado. Geralmente disponível em cor lisa ou listrada, com bolso do lado esquerdo. A palavra *union*, no caso, refere-se a sindicato operário.

Camisetas - As que trazem algo escrito (*T-shirt*) sempre foram usadas pela molecada, desde os anos 50, e os skinheads não seriam exceção. Afinal de contas, nem todo mundo pode ter uma porrada de camisetas Bens. No caso dos skinheads, a estampa da camiseta vai dos logos de banda aos distintivos de clubes, passando pela Union Jack (bandeira inglesa) e outros slogans tipo RAR, RAC, SHARP, Trojan, etc.

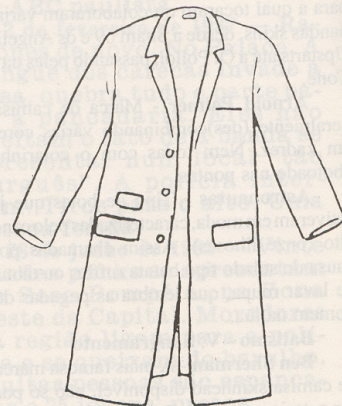
Cardigan - Casaco de malha de lã. Os da marca Fred Perry tinham boa aceitação. Os preferidos são os folgados, com bolsos, mas o importante é não esquecer de deixar o último botão desabotoado.

Casaco de pele - O chamado *sheepskin* (couro de carneiro), um casaco pesado usado por caras ligados e cartolas do futebol pelo mundo afora, pra não falar de milhares de skins. É caro, mas vale cada centavo. De mais a mais, sempre pode ser vendido usado pra lojas tipo brechó. Os mais populares cobrem até a bunda, e as cores mais escolhidas vão do castanho ao marrom escuro.

Chapéu-coco - Usado pelos suedeheads na época do filme *Laranja mecânica* (1971).

Chapéus Pork Pie - De aba estreita e revirada, esse tipo de chapéu de feltro foi copiado do visual do rude boy. Às vezes chamado de chapéu *blue beat* ou aba curta. Qualquer cor vale, mas o preto é mais popular. Um de boa qualidade pode durar anos a mais que o de aba larga.

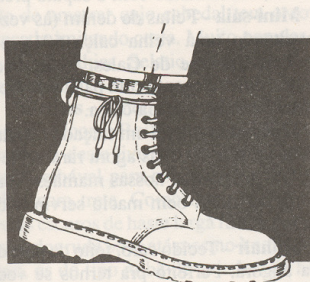
Crombie - Seja lá o que for que você



leu ou ouviu por aí, os crombies (capotes usados como sobretudo) não são traje típico dos suedeheads pós-1970. Eles têm sido marca registrada dos gangsters desde décadas, e foram aprovados & aproveitados pelos skinheads desde 1968. Confira no filme de 69 *Bronco Bullfrog* se você e seus amigos duvidarem. O que variava era o feitio. Os genuínos da marca Abercrombie (origem do nome abreviado) eram mais curtos, mas havia muitas imitações, sempre com forro de cetim vermelho. Mesmo estas tinham eventualmente sua qualidade. O importante era o peso do casaco e um bolso superior do lado esquerdo onde você pudesse pendurar o lenço. Gola aveludada era um toque que valorizava.

Cruz céltica - A cruz dentro do círculo, símbolo das bandas white-powers, independentemente da filiação a esta ou aquela organização. Muito usada em tatuagens e pichações.

Cruz suástica - O símbolo nazista não é tipicamente skin, primeiro porque a maior parte deles não se declara nazista, segundo porque outras tribos ("metaleiros", punks) já usaram & abusaram do emblema, a sério ou por gozação.



Doctor Marten - Também chamadas Docs ou DMs, são a mais famosa marca de botas e sapatos, graças ao solado tipo "airwair" (aerado) inventado pelo bom "doutor" austríaco (na verdade, nem doutor e nem austríaco, mas um soldado de Luxemburgo que quebrara o pé na Segunda Guerra e resolvera fazer uma sola mais macia pra sua bota, dividindo a idéia com um amigo, Klaus Maertens, que o ajudou a produzir em série). Muito confortáveis, daí vem sua popularidade.

As botas são disponíveis em modelos de 8, 10, 12, 14 e até 20 ilhoses (contados os furos só dum lado do cano) e em todos os tamanhos, incluindo meninos pequenos. As de 8 a 12 furos são as mais populares, embora os *boneheads* (skins nazistas) as prefiram até o joelho. Preto e cereja são cores-padrão, e também se acham com biqueira de aço.

Dressing hard, dressing smart (Ser duro no vestir é ter apuro no vestir) - Frase proverbial para justificar o rigor com que os skins seguem sua própria moda, não aquela ditada por interesses comerciais exteriores ao movimento.

East End's everywhere (A Zona Leste tá em todo lugar) - Provérbio londrino que se tornou universal pros skins, já que subúrbio operário é coisa que existe em qualquer metrópole do mundo. Que o digam os Garotos Podres.

Estilo - É a própria essência que emana dum skinhead bem-vestido. O "bem vestir" do skinhead, embora às vezes rigoroso, não tem relação direta com os padrões da moda dita "social", nem com a suposta "informalidade" da chamada moda "jovem", ambas ditadas pela indústria e pela publicidade. É óbvio que o skin também consome, mas o detalhe é que ele *subverte* o uso de cada peça do vestuário, desviando ou contrariando a utilidade ou oportunidade ditadas pela "elegância" convencional. O punk tentou levar tal subversão às últimas consequências, mas foi caricato e, por isso mesmo, efêmero, enquanto o skin, mais espontâneo, resiste teimosamente à transitoriedade da moda comercial.

Falmers - Marca de jeans do tipo calça larga, popular entre os smoothies.

Feathercut - Estilo de cabelo feminino, originalmente mais longo e muito mais suave que os das garotas que a gente vê hoje em dia. De início era cortado rente no alto (mas não raspado). Como as inglesas têm cabelo liso, o resultado é uma franjinha na testa e o resto comprido, atrás e dos lados, às vezes com a orelha aparecendo. No Brasil, pense numa Rita Lee bem punka. Às vezes a franja é tingida de cor diferente do resto. Este corte costuma arrebatar as pontas (e quebrá-las, formando a ponta dupla), particularmente se a menina usa o bom e velho pente de aço.

Fred Perry - Linha de roupa pra tênis, que leva o nome do maior tenista da Grã-Bretanha. A camisa polo de manga curta foi popular entre os Mods nos anos 60, e hoje é peça comum do vestuário skin. Originalmente de quatro botões, depois três, e atualmente só de dois e em material mais leve. A variação de cores já foi amena, mas muito elegante graças ao rolo da gola e das mangas. Hoje é disponível em 52 tonalidades pavorosas, numa lamentável tentativa de competir com a Benetton. Já se foram os dias em que os anúncios diziam "Camisas marca Fred. Não precisa dizer mais nada.". Outras linhas da famosa grife, como cardigans, blusões e jaquetas tipo Harrington também são populares.

Gorro - Os chapéus e bonés de lã

mantêm a careca aquecida. Às vezes o gorro é chamado chapéu Benny, devido ao personagem numa telenovela intitulada *Crossroads* que falava dos skinheads. Por falar nisso, onde estará Miss Diane?

Gravatas - Usadas apenas em casa-mentos, funerais e... na escola, se você tiver entrado numa da Inglaterra.

Guarda-chuva - Acessório suedehead, geralmente com ponteira aguda, para o caso de treta.

Harrington - Jaqueta leve, assim cha-

BARGAIN OFFER

HARRINGTON JACKET

NOW at the price you can afford

- Terylene/Cotton cloth
- Showerproof
- Distinctive Tartan lining
- HEAVY DUTY ZIP
- ELASTICATED CUFFS & WAISTBAND
- BUTTON FLAP POCKETS

75/- + 3/- p. & p.

State choice of colour.

CHEST SIZES: 34", 36", 38", 40", 42"

Money refunded if not satisfied

TREND SUPPLIES

(M.M.)

CALLERS WELCOME

mada por causa de Rodney Harrington, personagem do seriado de TV *Peyton Place* ("A caldeira do diabo"), que sempre usava uma do tipo. Geralmente com zíper na frente e gola abotoável. Fácil de achar em várias cores (as mais populares são preto, vermelho e café-com-leite), com forro em tartã, mas, como a maioria das coisas, sua qualidade atual não é a mesma das que se vendiam em 69. Os suedes adoravam esse tipo de agasalho, mas em meados dos anos 70 ele virou moda na High Street.

Harry Fenton - Famoso alfaiate dos anos 60, que confeccionava uma camisa bem elegante pro gosto skin, especialmente em tartã.

Having a laugh and having a say (Tirar um sarro mas ter algo a dizer) - Um dos lemas do movimento Oi!. A expressão "Having a laugh" é anterior ao movimento, e servia de pretexto automático, tipo resposta de algibeira, para retrucar às perguntas cretinas e acusações caretadas dirigidas aos skins. Algo assim: "Que é que vocês foram fazer numa butique de shopping center?" "Só tirar um sarro..." Posteriormente virou até nome numa gravadora independente italiana, ligada à banda Klasse Kriminal.

Jaqueta de aviator - É o modelo mais popular usado atualmente. A cor preferida é o verde-oliva, embora as pretas sejam (ironicamente) mais do agrado dos skins white power. Outra cor procurada é o azul tonalidade força aérea. Alguns pensam que seria essa a jaqueta "oficial" da aeronáutica americana, mas não é o caso, já que as dragonas no ombro fazem diferença. Além disso, o suposto modelo original mais cobiçado é o que tem zíperes, inclusive nos bolsos, e bolso inclusive na manga, além de bolso interno e elástico nos punhos e na gola. É bem superior às imitações baratas vendidas em feiras e lojinhas. É o tal negócio: você só consegue um bom artigo se pagar por ele. Normalmente se usam cores lisas, mas costuma-se aplicar distintivos de clubes de lambretismo ou similares, do tipo costurável. Teoricamente as jaquetas são utilizáveis do avesso, este em cor laranja berrante, pra que o piloto possa ser facilmente avistado caso tenha que saltar do aparelho.

Jaqueta de combate - Em padrão tipo "camuflagem", era, juntamente com as calças, muito usada pelos skins originais, mas atualmente é quase que exclusiva dos boneheads (os "cabeças-duras" neonazistas). Uma pena.

Jaquetas profissionais - Se eram boas pra estivadores, mineiros e operários, eram boas também pros seus filhos (e filhas). As melhores são impermeáveis, de plástico cor de laranja ou pretas, e o toque de classe (disse-o bem) era ter as iniciais NCB (National Coal Board, entidade profissional dos mineiros de carvão) ou similares estampadas. Você mesmo podia escrever o que quisesse nas de cores lisas. Enfim, são baratas, têm bolsos espaçosos e aquecem bem.

Jaytex - Marca de camisa, famosa pelo modelo xadrez de colarinho abotoado nas pontas.

Lee - Marca de jeans, muito popular no norte, antes que a Levi's se tornasse largamente acessível. Tão boa quanto a Levi's.

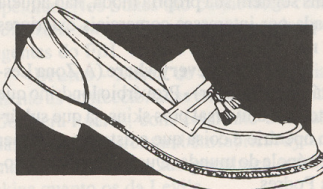
Lenço - Toque de classe pra arrematar um produzido paletó ou jaquetão, colocado no bolsinho apropriado. Seda é o máximo. Dobrado de várias maneiras e preso por um botão ou alfinete, às vezes nas cores dum time de futebol.

Lenço de pescoço - V. Cachecóis

Levi's - A famosa calça 501 e respectiva jaqueta são o máximo para um skinhead. Braguilhas de abotoar às vezes estão em voga, mas o zíper é eterno. Até o autor prefere zíper. A 505 tem zíper como padrão e o mesmo feito da 501. Cores "adicionais" ou estranhas aparecem de vez em quando, Deus sabe por quê. Mas o jeans original sempre foi azul, e originalmente os skins

usavam bem folgados. As calças apertadas apareceram já na fase punk.

Loafers - Sapatos baixos, sem cadar-



ço, geralmente com uma "franjinha" no couro da lingüeta e um "nozinho" artificial só de enfeite, com pinos nas pontas dos falsos cordões. Nas cores usuais pra sapatos, mas o preto ficou mais popular por causa da 2 Tone. Se você tá atrás duma boa marca, confira os da Frank Wright. Os chamados *penny loafers* devem o apelido ao fato de certas garotas fixarem uma moeda de penny no sapato (outros dizem que é porque é barato).

Lonsdale - Fabricante de equipamentos de boxe. Sua linha de camisetas (com ou sem manga) e suéteres atléticos tornou-se popular entre os Mods e skins, sem dúvida por causa da proximidade da loja da Lonsdale, junto à Carnaby Street, além do amor pela nobre arte da luta, é claro.

LONSDALE
LONDON

Luvax - Estava mais por dentro quem usava as que deixam os dedos de fora. Fora disso, só as de boxe, dentro do ringue, claro.

Mac - Capa de chuva muito elegante, um toque saudosista do tempo dos Mods. Era mais um hábito dos suedes, nunca totalmente popular. Atualmente é roupa de velho assanhado.

Machadinha - Esteve em voga como arma entre os skinheads brasileiros em me-

ados da década de 80. Tratando-se de arma letal, seu uso ocasionou mortes em tretas e acabou deixada de lado. Alguns atribuem a moda ao filme *Pink Floyd: The Wall* (de Alan Parker), mas a informação é furada, porque o suposto "símbolo dos skinheads" caricaturado no filme é um martelo.

Máquina zero - A querida maquininha, que pode ser um simples barbeador elétrico (*shaver*) ou a de barbeiro mesmo (*clipper*), é fácil de achar e compensa comprar, pois se paga sozinha depois de uns dez ou vinte cortes. A melhor marca é a Wahl, que vem com pentes adicionais pra você regular o comprimento de um a quatro, conforme o gosto. Mantenha lubrificada pra durar a vida toda.

Meias - As esportivas, brancas, são universais. O vermelho ficou pra trás faz tempo.

Meias femininas - As "transparentes", que cobriam toda a perna sob a mini-saia, eram o sonho erótico de todo skinhead. Aquelas cuja malha imitava "rede de pesca" (*fishnet*), chamadas de "arrastão" no Brasil, eram as mais sensuais, mas também se usavam meias-calças de outras padronagens. Meias soquete brancas podiam ser usadas por cima, combinando com o sapato preto.

Mini-saia - Feitas de denim (às vezes aproveitando uma velha calça 501), em pano liso, Príncipe de Gales, tonic, você escolhe. Muito elegante com paletó do mesmo pano, camisa e meia-calça.

Mocassins - Já foi um calçado popular lá pelos idos de 79, mas agora raramente é visto. Talvez porque nossas mães todas têm um par deles bem macio servindo de chinelo.

Mohair - Tecido caro, feito de pêlo de cabra angorá. Perfeito pra ternos se você pode pagar a conta do alfaiate ou o crediário da loja.

Neither red or racist (Nem vermelho, nem racista) - Slogan da gravadora Oi! Records de Roddy Moreno, que propunha o não-alinhamento e a equidistância dos polos ideológicos, tanto de esquerda como de direita.

Nobody likes us, we don't care (Ninguém gosta da gente, mas não estamos nem

SKINHEAD

af) - Espécie de frase proverbial que exprime a verdadeira dimensão do movimento skinhead: independência e indiferença, quer isso agrade ou não a sociedade, que tenta reprimir os skins, ou as correntes políticas (de esquerda ou direita), que tentam cooptá-los.

No mess, no fuss, just pure impact: the Last Resort (Nem confa, nem bronca, só puro impacto: o último recurso) - Palavra-de-ordem da banda Last Resort, justificando a violência em vez do protesto infrutífero. A expressão foi muito reutilizada dentro do movimento, e inspirou o título dum dos mais importantes skinzines, o belga *Pure Impact*.

Norwegian (noruegueses) - Tipo de sa-



pato de amarrar cujo cabedal tem o couro trançado imitando cesta. Muito popular entre os smoothies. Selatio era a marca mais procurada.

Óculos - A menos que você seja mfope ou caolho (como Roi Pearce, dos 4 Skins, ou o tradutor deste livro), o uso de óculos não é aconselhável para os skins que vivem às voltas com treta. Como item de estilo, os óculos escuros de haste larga fazem parte do visual dos rude boys até mesmo à noite. Fora disso, os do tipo raibã de aviator, de haste fina, também andaram em moda.

Oxford - Tipo de sapato clássico, de couro liso e bico quadrado.

Pentes - Não têm muita utilidade quando você raspou o cabelo. Mas em 69 alguém com cabelo suficientemente longo pra ser penteado podia ser um skinhead. Pentes de aço eram bem cotados, de qualquer modo, não só pela finalidade básica, mas também porque poderiam servir de arma bem portátil e enrustível. Guardá-lo no bolso de trás era uma boa maneira de mostrar aos outros que você tinha um.

Permanent Press - Marca de camisa. Excelente modelo de colarinho com pontas abotoadas, próprio para garotas. Também fabrica calças que, como diz o nome, estão permanentemente passadas e dispensam o ferro. V. também *Sta-Press*

Polimento - Os skinheads não primam por ser polidos ou por serem bons de saliva. Eu arriscaria dizer que ninguém gosta de

engraxar sapato, mas conheço algumas pessoas que precisavam muito trabalhar nesse ramo. É claro que, se você se orgulha de sua aparência, não vai sair sem dar uma lustrada nas suas botas ou sapatos, mesmo que dali a pouco eles sejam pisados numa gig ou tenham que se sujar esfregando a cara dalgum filhadaputa.

Pride without prejudice (Orgulho sem preconceito) - Lema do movimento SHARP, adotado também pelo autor deste livro como slogan de seu jornal *Skinhead Times*. O jogo de palavras ganha peso por lembrar o título do romance de Jane Austen, *Pride and Prejudice* (Orgulho e preconceito).

Pulseiras personalizadas - Um acessório muito popular entre os joalheiros durante o período dos skins primitivos, que ainda é muito usado por qualquer skin.

RAC (Rock Against Communism)



(Rock contra o comunismo) - Resposta musical do NF e da Blood & Honour ao RAR. O símbolo é a foice e o martelo, mas o cabo do martelo é mordido por uma caveira.

RAR (Rock Against Racism) (Rock



contra o racismo) - Braço musical da ANL (Anti-Nazi League, Liga Antinazista). Seu símbolo é uma estrela dentro dum círculo, com as palavras do slogan por cima da estrela.

Royal - Faith Royal foi a empresa pioneira na fabricação do sapatão tipo *brogue*, daí ele ser chamado também de Royal.

Runas - Os signos do alfabeto nórdico são usados como símbolo por bandas e gangues white-powers, co-



piando uma tradição nazista (as tropas de elite adotavam runas como brasão de cada batalhão ou corporação). A runa de Odal (abaixo) é a mais conhecida.

Sangramento - Quem estivesse usando botas novas ficava sujeito ao "sangramento" ou "batismo". Todos os colegas vinham com tudo pra pisar e sapatear em cima delas a fim de sujá-las mais depressa, igualando-as às do resto da turma.

Sapatos - V. *Brogues*, *Loafers*, *Mocassins*, *Norwegian*, *Oxford*

SHARP (SkinHeads Against Racial Prejudice) (Skins contra o preconceito racial) - Movimento anti-racista e antinazista ramificado em vários países do mundo. O símbolo varia conforme o país. Geralmente é o perfil estilizado dum elmo ou capacete troiano (evocando a Troian, gravadora de reggae, música tradicional dos skins não-racistas), mas a seção alemã usa o perfil duma cabeça careca, as seções francesa e norueguesa um par de coturnos, etc. O lema do movimento é **PRIDE WITHOUT PREJUDICE** (orgulho sem preconceito).

Sta-Press ou *Sta-Prest* (soa como "stay pressed", isto é, se mantém passada) - Diz-se das calças que dispensam o ferro e são muito elegantes entre os skins. Feitas por várias empresas, mas nenhuma chega aos pés da Levi's, cujos modelos na cor branca são chocantes. Outra marca é a Ever-Prest. As cores vão do branco ao castanho, passando pelo preto, o azul claro e o vinho. V. também *Permanent Press*

Suspensórios - Servem para segurar as calças, mas os skins os usam por questão de estilo, mais que por conforto, já que os bagos ficam mais pensados. Às vezes são usados por cima dum pulôver leve ou dum *tanktop*. A largura varia: originalmente em torno de duas polegadas, maior que a atual de uma polegada. Detalhe: o suspensório foi feito pra usar por cima do ombro e não caído na bunda, como os skins mais punks adotaram.

Tanktop - Blusão sem manga, popular no começo dos anos 70. Geralmente com padronagens, algumas de péssimo gosto. O suspensório era usado por cima.

Tatuagens - Uma porrada de skinheads se tatua. Times de futebol, bandas, namoradas(os), países, torcidas organizadas, gangues, tudo serve de motivo. Muitos skins londrinos têm uma estrela no centro da palma esquerda. Outra que foi popular é a das quatro pintas, em forma do quatro no jogo de dados. Os quatro pontos são tatuados no dorso da mão, entre o indicador e o polegar, e significam as iniciais ACAB ("All coppers are bastards", todos os tiras são filhadaputas), que aliás é título duma canção dos 4 Skins. A tatuagem pode parecer algo

muito elegante ou uma verdadeira escrotidão, dependendo do tatuador e do tatuado. No fim das contas, porém, é bom lembrar que você vai levá-la pro resto da vida, e aí a decisão de fazer uma é muito pessoal. Os bons tatuadores são famosos, já que sua clientela não é exclusivamente skin (outras tribos, inclusive as mais consumistas, como a dos surfistas, também se ligam em tattoo). Entre os skins é comum que o tatuador seja alguém da turma ou das próprias bandas. No Brasil, pode-se citar o caso de Mauro (dos Garotos Podres, que trabalha no mesmo ateliê que George, da Kães Vadius e da Devotos de Nossa Senhora Aparecida) ou de Jabá (da Vírus 27).

Ternos - De três e quatro botões, lapela estreita, com uma abertura atrás ou duas dos lados (de até 18 polegadas), são estes os padrões no feitiço de ternos para skins. Bolsinhos são outro toque de classe. A vaidade e a rivalidade fazem com que os bolsos se multipliquem nos melhores ternos, de forma que alguns paletós têm mais bolsos dum lado que do outro. Botões na manga são outra medida de estilo, onde o mínimo é três e, em alguns casos, a manga leva botões até o cotovelo! O último botão da frente do paletó (de cima pra baixo) fica sempre desabotoado, e as calças são curtas o bastante pra que dê pra ver se o cara tá de sapato baixo, botina ou coturno, e ainda que tipo de meia ele usa. Quanto ao tecido, originalmente era de mohair liso ou de trevira, mais barato, depois similares, incluindo Príncipe de Gales, padrões axadrezados e tonics. As cores de verão tendem pro azul-gasolina, verde ou marinho, ficando o preto e o marrom pro inverno. Os smoothies preferiam os modelos trespassados em tecidos semelhantes. As garotas skins usavam originalmente seu paletó em comprimento três quartos.

Tonic ou Tonik - Tecido de dupla



tonalidade, que muda de cor conforme a luz. Muito elegante pra ternos.

Trevira - Tipo de pano semelhante ao mohair, porém menos caro. Também pró-

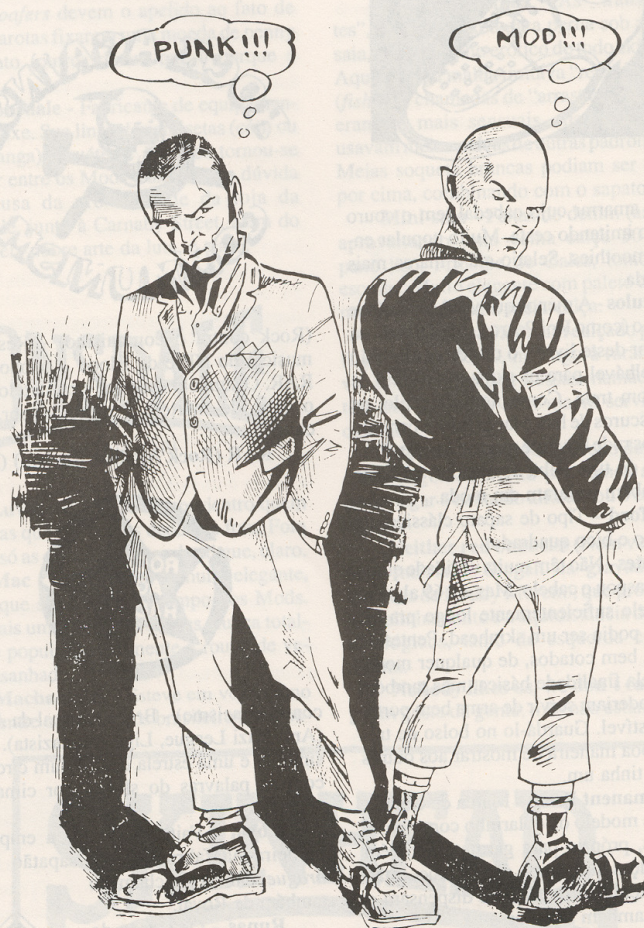
prio pra ternos.

Trim Fit - Camisa da Brutus, popular especialmente entre as meninas. Não indicada no caso das barrigas de cerveja.

Veludo cotelê - Por esta você não esperava! Pois é, jaquetas e calças da Levi's, da Lee e da Wrangler nesse tecido (que os ingleses chamam de *corduroy*) eram "o fino" no começo dos anos 70.

Verde-oliva - Calças dessa cor, principalmente em pano durável e barato, são sempre muito procuradas. As do tipo militar dão pro gasto.

Wrangler - Outra marca popular de jeans e jaquetas. Usada por skins do norte da Grã-Bretanha.



Apêndice

Apêndice A – Entrevista via e-mail, feita a Ricardo Ampudia, escritor do livro *Orgulhosos e Odiados*.

1.Qual a essência do movimento skinhead (ideologias ou não, vestuário, música e atitude)?

A essência era uma atitude de rebeldia em relação a tudo isso: música, postura ideológica (num sentido mais amplo) e vestuário. Era uma geração que via uma Inglaterra em mudança enquanto suas vidas continuavam na mesma ou pior. Eles não copartilhavam daquele desenvolvimento e não viam futuro para eles. Isso os forçou aos guetos culturais, grupos de identidade marginais.

A essência assimilava a paixão pelo futebol que move todo ser humano do sexo masculino na Inglaterra, o orgulho proletário herdado de seus pais operários suburbanos e a violência das gnaques juvenis.

2.Em sua opinião como os skins ganharam a fama de nazistas na mídia?

Em 1970, o National Front começou a se alastrar como um câncer na Europa e a alistar jovens suburbanos, que já tinham essa essência violenta e rebelde sem causa e lhes deu uma causa, culpar os imigrantes pela decadência econômica que suas famílias viviam.

Não foram só os skins. Punks, rockers e paiois de família também simpatizaram com essa idéia. Mas, como já estavam em evidência na mídia há algum tempo nos tablóides ingleses pelas brigas de torcidas e vandalismos gratuitos, os skins, agora nazistas, viraram temas internacionais.

Essa idéia de skinhead+neonazismo foi vendida pela mídia para vários países e assimilada por jovens de outros países, que passaram a ter contato com essas organizações e por aí vai.

3.O que você acha que mudou nas estética skinhead ao longo do tempo?

Parece-me que o estereótipo agora é bastante alinhado. Alguns símbolos são encontrados em apenas algumas vertentes. O xadrez dos trads, a calça militar para os nazis, a foice e martelo para os rash.

4.Existe alguma ligação entre a cultura skinhead e o neonazismo?

Existe essa historinha que te contei do NF, que alistou jovens skins que criaram outras organizações paralelas ou até independentes como Hammerskins, Storm Front, RAC e outros.

5.No Brasil temos a peculiaridade dos carecas que têm ideologia integralista, na sua opinião eles são skinheads ou apenas nacionalistas ?

São um abraqueiramento do que aconteceu em 1970 na Inglaterra. Eu não diria que são nazistas mas fascistas, neofascistas, defendem uma idéia de unidade nacional, ufanista e usam da cultura skin para isso.

6.Como você diferencia esteticamente no Brasil um skinhead de um bonehead?

Os cabeças de ovo têm orgulho em mostrar aquela baboseira toda que cultivam dentro das latrinas que são seus cérebros, estão sempre vestidos com símbolos, tatuagens e outras referências a seus ídolos e ideologias, além das roupas militares, um visual definitivamente agressivo e limpo. O skinhead trad no Brasil adotou o xadrez, a boina, um visual menos agressivo, com bottons e patches. Algo mais alegre e até colorido.

7.Qual a influência que o movimento punk teve sobre os skins?

ah puxa, isso é uma longa história...